

LE TOMBEAU D’ALEXANDRE / 1993

um filme de Chris Marker

Realização, Argumento e Montagem: Chris Marker / **Colaboração:** Andrei Pachkevitch, Julia Bodin, Françoise Widhoff (e o fantasma de Medvedkine) / **Música:** Alfred Schnittke; **música adicional:** Michael Krasna.

Produção: Les Films de l’Astrophore - Michael Kustov Productions - La Sept/Arte, em associação com EDIPEM OY-Channel 4 / **Cópia:** DCP, cor e preto e branco, legendada electronicamente em português, 120 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Não. Este Alexandre não é o macedónio. É Magno, sim, mas de outro género, e as suas conquistas situam-se noutra parte. Este Alexandre é Medvedkine, o realizador do filme **Stchastié/“A Felicidade”**, e o seu “túmulo”, hoje, encerra toda a história da URSS. Se ao contrário do filho de Filipe, o túmulo deste pode ser conhecido, o mundo que viveu e cantou parece tão longe e desaparecido como o outro. Nascido com o século, tornado adulto com a Revolução, Medvedkine morreu em 1989, antes da derrocada do sistema porque lutou toda a vida. O videofilmado de Chris Marker é não só uma homenagem ao homem, ao militante e ao propagandista, como também uma reflexão sobre a história do século e uma interrogação sobre o futuro. E é, além de tudo isso, um fabuloso trabalho de cinema recorrendo às técnicas modernas e mostrando como evoluiu a sua obra, quando em comparação com os outros seus trabalhos que temos visto (e vamos ver). **Le Tombeau d’Alexandre** é uma experiência, no mesmo sentido das de Medvedkine para fazer chegar a “mensagem” ao espectador. “Mensagem” que se confunde, em ambos os realizadores, com a fruição estética. Há um admirável momento de “fantasia” em **Le Tombeau d’Alexandre** que aparentemente nada tem a ver com o filme e que parece estar ali para provocar um efeito de puro gozo (como algumas atitudes funambulescas no filme de Medvedkine) e que tem lugar no fim da primeira parte. Marker introduz a indicação de “Entr’acte”, um “intervalo” mas que neste caso é preenchido com outra imagem, a de um gato “usufruindo” o prazer de ouvir música. “Gato ouvindo música” é exactamente o título desse fragmento de prazer que vem pontuar a transição de uma fase para a outra do filme, da obra de Medvedkine e do tempo histórico. Não se deixem iludir para palavra, nem deixem a sala nesse período e conheçam Guillaume-en-Egypte, o gato, acompanhando a composição de Federico Mompou.

O nome de Medvedkine foi usado como patronímico de um grupo de cinema para documentar as greves de 1967 em Besançon e Sochaux, em homenagem ao cineasta soviético, testemunha de tantos combates e fundador de um grupo de cinema de “agit-prop”, o SLON. Seria este o nome que Chris Marker daria ao seu grupo de cinema, com os mesmos interesses, fundado no ano seguinte durante a revolta estudantil e a que já nos referimos. Com **Le Tombeau d’Alexandre**, Chris Marker rende homenagem ao cineasta que tanto o influenciou na segunda fase da sua carreira e que ajudou a revelar ao Ocidente. Foi Marker que descobriu **Stchastié** e o distribuiu através do referido grupo SLON, tendo, a partir de então, acompanhado a par e passo a vida e obra de Medvedkine.

Chris Marker divide o seu videofilm em duas partes, contendo cada uma delas três "cartas", que o realizador "dirige" a Medvedkine, e abrindo cada uma das partes com o "fantasma" do homenageado, tal como refere o genérico, isto é, uma imagem de uma antiga entrevista transformada electronicamente, servindo de introdução à narrativa "off". Marker utiliza as técnicas novas à semelhança de autores como Godard (e nunca será de esquecer que este também teve o seu grupo "militante" na sequência dos acontecimentos de 68, escolhendo também um documentarista soviético como patrono, Dziga Vertov) ou Greenaway (**M is for Man, Music and Mozart**) a partir de documentos autênticos e testemunhos, para além de imagens actuais. A partir de material pré-existente Marker "interroga" quer o tempo quer o método de trabalho, destacando um pormenor. Por exemplo, capta um documento da Rússia czarista, um desfile do czar e restante nobreza que já conhecimentos do filme de Esther Chub sobre a **Queda dos Romanoff** para "sublinhar" com a imagem fixa e cor uma figura que gesticula para alguém ou alguma coisa em "off", ou, mais tarde, na actualidade, para destacar também de forma sombria a sinistra figura de Jirinowski. De certo modo nesta "transferência" de sentido no tempo ecoa a frase inscrita no frontispício do filme, como um epitáfio no "túmulo de Alexandre": "Ce n' est le passé qui nous domine. Ce sont les images du passé".

Cada "carta" do filme refere-se à obra e vida de Medvedkine e ao tempo em que ela se integra. Destaque importante é dado à figura de Isaac Babel, um dos grandes escritores soviéticos que o stalinismo destruiu, principalmente devido à sua obra mais famosa, "Cavalaria Vermelha". Porque Medvedkine foi, aos dezoito anos chefe de um dos seus destacamentos. Outra refere-se ao projecto de **Stchastié** e à relação do insólito (ao olhar ocidental) tratamento com as tradições populares e o burlesco circense. Outra destaca o trabalho de Medvedkine e o seu "comboio em marcha" captando, ao longo das Repúblicas Soviéticas, o mundo em transformação. A uma primeira parte construída sob o tema do "Reino das Sombras", sucede a "inversa", isto é, "As Sombras do reino" onde se manifestam as inquietações de hoje. A certa altura o "fantasma" de Medvedkine refere o desejo de ver o século XXI, pelo menos os primeiros anos. É um rosto ainda sorridente, onde se manifesta a confiança no futuro próximo, a que dão lugar, pouco depois, imagens dramáticas da crise dos primeiros anos da década de 90 (aquele comentário de um anónimo moscovita: "Arruinar um país em 5 anos, é obra!"). Outra carta nos fala das homenagens de outros autores, Eisenstein, por exemplo, enquanto a última contrapõe a morte de Staline com o grande desfile do 1º de Maio de 1939 (um documento notável porque é uma das raras filmagens a cores do acontecimento).

Entre o documento, a evocação, a homenagem e o elogio, Chris Marker dá-nos um dos mais bolos e fascinantes documentos da história do nosso século com este **Le Tombeau d'Alexandre**.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico